

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Alice Amanda Nedel

Práticas de escrita na Educação Infantil: experiências de uma turma de Jardim
B.

Porto Alegre
1.Semestre
2011

Alice Amanda Nedel

Práticas de escrita na Educação Infantil: experiências de uma turma de Jardim B.

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Realizado sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Vellinho Corso.

Porto Alegre

1.Semestre

2011

AGRADECIMENTOS

As minhas colegas de curso, Ana Cristina, Livia e Manoela, que não me deixaram desistir, sempre auxiliando na tomada da melhor decisão.

A todos os meus amigos que sempre me incentivaram, me entenderam e estiveram ao meu lado para me apoiar.

A minha orientadora pela paciência, dedicação, esclarecimento e incentivo nos momentos em que mais necessitei.

A todos os profissionais da escola onde atuo aos alunos que sempre estiveram ao meu lado participando das minhas descobertas, angústias e alegrias.

E a pessoa que mais me apoiou em toda a minha trajetória, meu marido, que sempre acreditou no meu sonho e foi o maior incentivador para que tudo se realizasse.

RESUMO

Este estudo investiga algumas práticas de escrita observadas em uma turma de Jardim B, de uma escola da rede Municipal de Montenegro. Foram realizadas observações, entrevistas com crianças e com a professora, para compreender qual o papel destas ações na rotina da educação infantil e como elas acontecem. Apoiada nos estudos de Ferreiro e Soares, a pesquisa analisa alguns momentos de escrita desta turma. A partir da análise foi possível verificar com que frequência aconteciam essas práticas de escrita e pode-se esclarecer qual a importância que o professor dedica a tais práticas, bem como o entendimento que as crianças têm frente à escrita e suas utilidades. Considerou-se que as práticas de escrita são importantes para que possam perceber que a escrita tem a sua função social e que a partir disso podem estabelecer outro tipo de comunicação que ainda não conheciam que é a escrita.

PALAVRAS - CHAVE: práticas pedagógicas, escrita, educação infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	7
2.1 Letramento.....	10
3 MÉTODO.....	13
4 CONTEXTUALIZANDO A TURMA E O AMBIENTE.....	15
5 ANÁLISES.....	16
5.1 Prática um: bingo do nome.....	16
5.2 Prática dois: construção de texto cooperativo.....	18
5.3 Prática três: escrever uma história.....	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
7 REFERÊNCIAS.....	27
8 ANEXOS.....	28

1 INTRODUÇÃO

A escolha desta temática vem ao encontro de algumas inquietações em relação à escrita das crianças na Educação Infantil, principalmente nas turmas de Jardim B, que irão para o primeiro ano posteriormente. Como já atuo nesta área, é algo que está muito presente no meu dia-a-dia, mas foi no estágio obrigatório que isso se acentuou mais ainda. Essas inquietações são em relação a qual o momento para iniciar com propostas de escrita, e como aconteceriam essas propostas.

Este trabalho tem como questão central, investigar algumas práticas de escrita na Educação Infantil. Destaco como principais objetivos deste estudo: verificar qual o espaço que as práticas de escrita ocupam na rotina da Educação Infantil; verificar qual o entendimento do professor sobre a importância da prática de escrita na Educação Infantil; analisar algumas práticas de escrita desenvolvidas pelas crianças, e identificar o entendimento das crianças sobre a prática de escrita.

Durante o estágio do 7º semestre do curso de Pedagogia realizado numa turma de Jardim, em uma escola estadual do município de Porto Alegre, foi possível observar algumas situações de escrita, proporcionadas pela professora da turma. Em uma destas situações percebi que uma das crianças ainda não conseguia organizar o seu nome na folha, utilizava todas as letras, porém, não conseguia colocá-las de forma a entendermos o que estava querendo escrever.

A partir desse momento comecei a prestar mais atenção nas atividades de escrita que eram proporcionadas, se havia uma preocupação com estes momentos, como eles eram desenvolvidos e se poderiam auxiliar as crianças a avançarem nas suas hipóteses de escrita.

Percebi que a professora da turma normalmente pedia para que, após realizar uma atividade de desenho ou recorte e colagem, solicitava que escrevessem seu nome. Quem não tinha muita segurança na escrita, poderia usar sua ficha, esta confeccionada pela professora, para registrar na folha. Outra atividade que acontecia era a identificação, no início da aula, através das

fichas, dos nomes. Era mostrada uma ficha e quem fosse o seu dono diria o seu nome.

Não presenciei a leitura de histórias, nem outro tipo de escrita, como por exemplo, de texto coletivo ou escrita espontânea. A sala também não possuía muitos materiais que pudessem despertar nas crianças a curiosidade pela escrita ou pelo que ela proporcionaria. Foi então que pensei que durante minha prática de estágio tentaria propiciar a essa turma mais contato com a escrita e com situações de escrita.

Assim, procurei trabalhar bastante com leitura de histórias, com o manuseio de livros, de revistas, de jornal, com a manipulação de letras, dos seus nomes, dos nomes dos colegas, para que pudessem perceber o quanto a escrita estava presente no ambiente e nas atividades desempenhadas por eles.

Este trabalho foi estruturado em capítulos. No capítulo 2 apresento o desenvolvimento da escrita sobre a perspectiva de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e sobre o letramento segundo Magda Soares. No capítulo 3 mostro o método realizado para a pesquisa, bem como os instrumentos utilizados. Já no capítulo 4 faço uma contextualização da turma em que foi realizada a pesquisa, e do ambiente. No capítulo 5 apresento às análises das práticas observadas, e no capítulo seguinte as considerações finais.

E para finalizar, mostro as referências nas quais me apoiei e logo após os anexos contendo na íntegra as observações e as entrevistas.

2. DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Com o passar dos anos e com os avanços nas pesquisas, hoje sabemos que as crianças não precisam frequentar uma escola para ter experiências com a escrita, dependendo do ambiente em que se encontra, poderá ter bastante contato com livros, jornais, jogos desde muito pequenas.

A criança convive com a leitura e escrita em todos os momentos, como por exemplo, ao manejar um livro de histórias infantis, ao pegar a embalagem de algum brinquedo, ao simples fato de estar passeando e observar os outdoors, propagandas, vitrines, entre outros. Sobre esta realidade Ferreiro e Teberosky (1999, p.29) dizem que:

É bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, textos escritos em qualquer lugar não faça nenhuma idéia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente.

Assim quanto mais se oferecer o contato com diferentes linguagens maior será o seu universo cultural. A criança provavelmente vem de um ambiente em que teve alguma experiência, mesmo que pequena, e a escola poderá aumentar esse repertório propiciando mais manuseio de materiais, enriquecendo assim o seu repertório.

Acredito que se a criança tiver um ambiente em que possa pensar sobre o que representa e de que modo se comunica através da escrita, no qual a leitura e a escrita possam ser utilizadas com sentido, maior será o seu entendimento sobre o que a escrita poderá lhe proporcionar.

Emília Ferreiro em sua obra *Psicogênese da Língua Escrita*, apresenta sua visão expondo suas pesquisas e demonstrando resultados significativos sobre os níveis de padrões evolutivos (pré - silábico, silábico, silábico - alfabético e alfabético) pelos quais as crianças passam durante o processo de construção da leitura e escrita.

Num primeiro momento a autora apresenta a representação da linguagem no processo de alfabetização deixando uma reflexão sobre os saberes que o aluno traz para a escola e como esses devem ser trabalhados pelos professores.

Ressalta as concepções das crianças a respeito do sistema de escrita apresentando ilustrações sobre diferenciações interfigurais com crianças de quatro a seis anos, posteriormente aborda as concepções sobre a língua subjacente a prática docente apresentando discussões sobre as estratégias e o uso dos métodos no ensino indo do sintético ao analítico.

Com relação à representação da escrita, a autora primeiramente ressalta a diferenciação entre o desenho e a escrita, em que as crianças começam a usar sinais figurativos quando desenham, e não figurativos quando escrevem.

Num segundo momento verifica-se a diferenciação entre os sinais gráficos, essa construção se manifesta pela variação quantitativa (quando a criança estabelece uma quantidade de grafias para representar diferentes palavras), e qualitativa (quando a criança varia o repertório e a posição das grafias para conseguir escritas diferentes). Essas variações correspondem a fase pré-silábica, tendo em vista que ainda não se faz correspondência aos sons da fala e sim, a quantidade de grafias ao tamanho ou outras características do objeto.

No nível seguinte, o silábico, a criança relaciona grafia e sons, de maneira que representa cada sílaba por meio de uma letra, porém sem fazer uso sonoro.

O nível silábico alfabético é marcado por uma evolução para uma representação mais completa dos sons das palavras. Na representação gráfica faltam algumas letras, e o fonema não corresponde necessariamente ao grafema. Neste momento aparecem as perguntas relacionadas com apreciação sonora das palavras.

No nível alfabético a representação gráfica, através das letras, relaciona-se aos fonemas das palavras e não as sílabas orais. Por isso, ao invés de cada sílaba ser representada por uma letra, a criança agora compreenderá que as sílabas poderão ser escritas com uma, duas, três ou mais letras. A hipótese alfabética resolve um importante problema em relação às fases anteriores: a

complementaridade entre a leitura e a escrita, ou seja, o que está escrito já pode efetivamente ser lido.

A obra de Ferreiro nos faz refletir sobre como acontece o processo de aquisição da escrita, e deste modo podendo auxiliar as crianças para que avancem em suas hipóteses, podendo assim progredir em sua escrita.

Pensando sobre a escrita na Educação Infantil, busquei saber se havia uma política em relação à iniciação deste processo de escrita. Encontrei no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil orientações que podem servir como um guia para reflexão aos profissionais da educação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) orienta sobre o desenvolvimento da escrita ressaltando a importância de um ambiente diversificado e do aspecto funcional da escrita.

Sabe-se que para aprender a escrever a criança terá de lidar com dois processos de aprendizagem paralelos: o da natureza do sistema de escrita da língua – o que a escrita representa e como – e o das características da linguagem que se usa para escrever. A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos, para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, e às práticas de escrita, para que possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente. (P. 128)

Ou seja, as crianças estão a cada dia, mais envolvidas em situações em que a escrita se faz presente. Seja no momento em que estão vindo à escola, vendo placas, nomes de ruas, e tentando decifrar o que estaria escrito, por que então não esclarecer a curiosidade que tem?

Muitas vezes nas escolas a escrita das crianças acaba sendo deixada de lado, não se observando a devida importância que ela tem, e assim não proporcionando momentos para que ela possa acontecer. Não quero aqui dizer que a escrita deve ser uma prioridade nesta fase, mas que deve fazer parte da rotina, assim como o desenvolvimento de outras habilidades e potencialidades.

2.1. Letramento

Parafrazeando Soares (2006, P.15) a palavra letramento ainda não está dicionarizada, porque foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa, tanto que quase podemos datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez.

O termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele.

Acredito que é com Magda Soares que o conceito da palavra aparece com maior clareza, quando esclarece que:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2006, p.18)

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever, que é como decodificar a língua escrita, o se apropriar é de torná-la própria, sua, conhecedora dela. Para exemplificar um pouco mais, Soares (2006) ressalta a escrita de um poema de uma estudante norte-americana chamada Kate M. Chong, de como foi importante para sua história pessoal o letramento:

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre o presidente
O tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.
É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.
É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

Este poema trata de uma forma bem clara o que é o letramento, os lugares, os significados, as pequenas coisas, o envolvimento nas práticas sociais de leitura e escrita.

Pensando sobre o letramento e a alfabetização, a distinção entre eles, e também a indissociabilidade, pois, são processos diferentes, cada um com suas particularidades, mas que se caminharem juntos proporcionam um conhecimento da linguagem escrita mais completo e significativo. Exemplificando Soares ressalta que:

[...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p.20)

Ou seja, as práticas de leitura e escrita em que as crianças estão em contato contribuem para o aprendizado da escrita, mas se desconhecem o sistema da escrita, a correspondência da grafia, o código, também não faz sentido.

É preciso que a criança esteja envolvida com todo esse processo, os diferentes materiais a sua disposição, à sua percepção do que envolve a escrita, de como faz parte da vida dela, para se comunicar, para saber quem foi

que escreveu, que possa ler o que está a sua volta, e para isso também é necessário que conheça o código de escrita.

Se por um lado o letramento proporciona situações de interação com material escrito, como as histórias, rótulos, jornais, revistas, e as práticas de escrita, por outro está à alfabetização que auxilia na construção do sistema da escrita. Sobre este aspecto ressalta Soares:

[...] o papel fundamental de uma interação intensa e diversificada da criança com práticas e materiais reais de leitura e escrita a fim de que ocorra o processo de conceitualização da língua escrita. (SOARES, 2004, P. 21)

Por isso estes dois movimentos são importantes tanto para a aquisição da escrita, quanto para as funções sociais que tem, podendo assim ser mais significativo para a criança.

3. MÉTODO

O método utilizado no presente trabalho foi o estudo de caso, que consiste geralmente no estudo aprofundado de uma unidade individual, tal como: uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural, etc. Segundo André:

[...] o estudo de caso é um termo amplo, incluindo “uma família de métodos de pesquisa cuja decisão comum é o enfoque numa instância” (p.2). Partindo dessa mesma definição, Nisbett e Watt (1978) sugerem que o estudo de caso seja entendido como uma investigação sistemática de uma instância específica” (p.5). Essa instância, segundo eles, pode ser um evento, uma pessoa, um grupo, uma escola, uma instituição, um programa, etc. (ANDRÉ, 1984, p.51)

No estudo de caso utilizei como instrumentos de pesquisa a observação e entrevistas. Esse estudo foi realizado em uma turma de Jardim B, com vinte e três crianças matriculadas. As observações foram realizadas durante quatro dias, em um período de duas horas.

Para a entrevista com a professora, foram elaboradas as seguintes perguntas:

- 1)Qual a sua formação?
- 2)Há quanto tempo atua como professora?
- 3)Há quanto tempo trabalha com a Educação Infantil?
- 4)Qual o espaço que a escrita ocupa na Educação Infantil?
- 5)Você realiza com seus alunos atividades em que é necessário o uso da escrita?Por quê?
- 6)Qual a importância das propostas que desenvolves em relação à escrita?

Vale ressaltar que, a entrevista foi realizada posteriormente às observações para que se pudesse perceber a intencionalidade das práticas realizadas, e se haveria conexões entre o que a professora realiza na sua prática e o seu discurso teórico. Não mencionei à professora o que exatamente eu gostaria de ver nas observações, então não houve uma preocupação em

realizar atividades com esse enfoque somente porque estaria observando, e sim, que essas práticas são habituais em sua rotina.

A entrevista realizada teve como intuito de iniciar uma conversa e para que a entrevistada pudesse se sentir à vontade, e que em nenhum momento ela se sentisse pressionada para responder.

Na entrevista com quatro crianças, após realizarem as práticas de escrita, foram formuladas as seguintes questões:

- 1)O que você estava fazendo antes de estarmos conversando? O que você achou?
- 2)Você gostou de fazer isso?
- 3)Achou fácil ou difícil de fazer?
- 4)Você acha que foi importante fazer isso?Por quê?
- 5)Gostaria de realizar novamente?
- 6)Quais atividades você mais gosta de fazer na escola?
- 7)Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?
- 8)O que mais tu sabes escrever?
- 9)O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?

4. CONTEXTUALIZANDO A TURMA E O AMBIENTE

As observações foram realizadas em uma turma de Jardim B, com vinte e três crianças, e elas têm idades entre cinco e seis anos, em uma escola do município de Montenegro de Educação Infantil, que atende crianças desde os três meses até os seis anos. A instituição atende em turno integral.

A sala da turma observada está organizada de forma que as crianças possam manusear materiais como: gibis, livros de histórias, jogos, brinquedos, revistas, jornais e materiais para as suas produções (lápiz de cor, canetinha, giz de cera, apontador, etc), em prateleiras de fácil acesso. Em uma das paredes estão suas mochilas penduradas com seus respectivos nomes e fotos em uma etiqueta. As mesas são redondas e estão dispostas em volta de um tapete grande. Em um dos cantos há um ambiente organizado com brinquedos diversos, e uma arara em que são colocadas algumas fantasias.

Na mesma parede em que estão suas mochilas, ficam seus trabalhos expostos em saquinhos de plástico, com seus nomes. Perto de uma das janelas há um mural com a palavra *chamada*, e que estão expostos os nomes das crianças e da professora em etiquetas seguradas por velcro.

Há um quadro negro e nele está pendurado, como se fosse um mural, ou um quadro de pregas, mas de tecido, com bolsinhos, e cada um desses bolsinhos tem uma letra do alfabeto, e dentro de cada um encontra-se uma ou mais fichas correspondentes com a letra inicial do nome das crianças.

A turma demonstra ter um bom convívio, realizando as atividades em que estive presente, com bastante interesse e envolvimento. Mostravam-se atenciosos e gostando do que faziam. Tudo parecia como uma brincadeira, estavam se divertindo ao realizá-las.

5. ANÁLISES

Nos quatro dias em que estive na escola, pude observar três práticas de escrita que a professora realizava com seus alunos, dentro da rotina da turma.

Estive durante duas horas na sala, e após duas das práticas realizei as entrevistas com as crianças.

5.1 Prática um: bingo do nome

A primeira prática que observei, foi já no primeiro dia em que estive na escola. As crianças estavam nas mesas, e a professora foi passando de mesa em mesa distribuindo uma ficha com repartições em que deveriam escrever seu nome de forma que cada letra ocupasse um daqueles espaços. Alguns necessitaram da ajuda de suas fichas que ficam no mural com saquinhos mencionado anteriormente. Feito isso, ela distribuiu pedaços de papel colorido e solicitou que fizessem bolinhas suficientes para a quantidade de letras que contêm em seus nomes.

Neste momento ela mencionou que realizariam um jogo, um bingo dos nomes, que ela mostraria uma letra e se eles tivessem essa letra, deveriam colocar uma bolinha em cima, e assim, até que completassem todo o seu nome. Pude perceber que à medida que o jogo acontecia, estavam se divertindo realizando essa atividade e, também em alguns momentos, auxiliando os colegas.

Apresentarei, em seguida, um excerto da entrevista com uma das crianças que é muito elucidativa sobre o estudo em questão:

E- Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?
L- Sei escrever o meu, só dos colegas alguns eu sei. (soletrou todas as letras e na ordem).
E- O que mais tu sabes escrever?
L- acho que só sei escrever o meu nome, assim direitinho, o resto eu preciso de ajuda pois ainda não sei tudo.
E- O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?
L- acho que é bom e legal. Sim é importante pra saber fazer os outros nomes e estudar em outra escola quando eu for grande.

É possível perceber que as crianças querem saber como se escreve o seu nome, e poder saber também como é a escrita do nome dos seus colegas, e mostram ter consciência que é preciso saber mais letras, para a escrita destes outros nomes. Reconhecem que não há somente as letras do seu nome, senão poderia escrever os nomes dos colegas utilizando as letras que sabe, que são do seu nome.

Quando a professora apresentava as letras, percebi que muitos mexiam a boca tentando imitar, ou escutar o som que a letra fazia. Depois alguns falavam palavras que iniciavam com essa letra, na maioria das vezes acertavam, mas alguns ainda faziam associações com a palavra falada e não a letra inicial.

Neste momento é possível pensar sobre uma questão que é da consciência fonológica que algumas crianças já estariam se apropriando, Soares (2004) comenta:

[...] o desenvolvimento da consciência fonológica, imprescindível para que a criança tome consciência da fala como um sistema de sons e compreenda o sistema de escrita como um sistema de representação desses sons, e a aprendizagem das relações fonema-grafema e demais convenções de transferência da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita [...] (SOARES, 2004, P.21)

Neste momento possivelmente essas crianças estavam tentando realizar associações em relação a sua fala e como é na escrita.

Para elucidar a proposta que a professora fez às crianças, relacionando com o que ela acredita ser importante nessa fase, apresentarei a seguir um excerto da entrevista realizada com ela:

E- Qual o espaço que a escrita ocupa na Educação Infantil?

S – Penso que a escrita começa a tomar espaço na educação infantil a partir do momento em que as crianças despertam o seu olhar para as letras, a curiosidade de saber que letrinha é a do seu nome, questionam como se escreve tal palavra, etc.

E- Você realiza com seus alunos atividades em que é necessário o uso da escrita? Por quê?

S- Sim, realizo algumas atividades principalmente relacionadas ao nome da criança, dos colegas. E também o reconhecimento das letras do alfabeto. Primeiro porque eles têm essa curiosidade e segundo porque acho importante eles terem essas noções.

Penso que saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas. A instituição de educação infantil deve preocupar-se em marcar os pertences, os objetos pessoais e as produções das crianças com seus nomes. É importante realizar um trabalho intencional que leve ao reconhecimento e reprodução do próprio nome para que elas se apropriem progressivamente da sua escrita convencional.

A grande maioria das crianças conseguia escrever seu nome sem muita ajuda, alguns até ajudavam os colegas da sua mesa para terminá-lo. Percebi que algumas crianças observavam os nomes que estavam expostos na parede onde ficavam suas mochilas, identificando seu nome e realizando uma cópia.

5.2 Prática dois: construção de texto cooperativo

No segundo dia na escola, presenciei a produção de um texto cooperativo que estavam iniciando, sobre o lixo, que como comentou a professora, era para finalizar um projeto da escola que estava acabando.

Iniciaram com o levantamento de ideias, conversando sobre o que haviam realizado durante o projeto, e que aprendizagens tiveram. A professora escrevia no quadro, reelaborando o que as crianças falavam, tentando assim organizar as ideias, aos poucos foi surgindo um texto em que todos tentaram dar a sua colaboração. Após a escrita de cada frase, a professora realizava a leitura e questionava se era isso que eles queriam dizer, algumas vezes foram necessárias modificações. Os comentários que surgiam durante a construção do texto, eram muito interessantes, como da aluna A, que comentou:

A: Tu viu que a gente falou e a profe foi escrevendo o que a gente disse. Mas será que ta escrito mesmo o que eu disse aí?
--

Essa atividade proposta pela professora seria uma prática de acordo com a psicogênese da língua escrita. O processo psicogenético de construção

da língua escrita, descrito por Ferreiro e Teberosky (1999) é caracterizado pelas inúmeras interações sociais e pelas experiências do aprendiz na prática de ler e escrever. Internamente os conceitos são construídos em caráter provisório e relativamente estáveis na evolução da aprendizagem.

Ficou evidente nesta proposta que a produção escrita foi significativa para eles, pois, originou-se de experiências vividas por eles.

Esse tipo de atividade pode proporcionar, para algumas crianças, a capacidade de pensar que existe alguma relação entre o que falamos e o que escrevemos.

As crianças podem aprender a escrever produzindo oralmente textos com destino escrito. Nessas situações o professor é o escriba. A criança também aprende a escrever, fazendo-o da forma como sabe, escrevendo de próprio punho. Em ambos os casos, é importante ter acesso à diversidade de textos escritos e testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias.

O tratamento que se dá à escrita na instituição de educação infantil pode ter como base a oralidade para ensinar a linguagem que se usa para escrever. É em atividades desse tipo que elas começam a participar de um processo de produção de texto escrito, construindo conhecimento sobre essa linguagem, antes mesmo que saibam escrever autonomamente.

As crianças que não sabem escrever de forma convencional, ao receberem um convite para fazê-lo, estão diante de uma verdadeira situação-problema, na qual se pode observar o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. Tal prática pode favorecer a construção de escritas de acordo com as idéias construídas pelas crianças e promover a busca de informações específicas de que necessitem, tanto nos textos disponíveis como recorrendo a informantes (outras crianças e o professor). O conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita é construído pelas crianças com a ajuda do professor. E para que isso aconteça é preciso que ele considere as idéias das crianças ao planejar e orientar as atividades didáticas com o objetivo de desencadear e apoiar as suas ações, estabelecendo um diálogo com elas e fazendo-as avançar nos seus conhecimentos.

As atividades de escrita e de produção de textos são muito mais interessantes quando se realizam num contexto de interação. No processo de aprendizagem, o que num dado momento uma criança consegue realizar apenas com ajuda, posteriormente poderá ser feito com relativa autonomia. No caso da atividade da escrita do texto, a professora realizou uma escrita sobre o que as crianças haviam vivenciado, o que torna muito mais próximo delas e proporciona uma certa segurança quanto ao que se vai dizer e todos estarão aprendendo com essa troca de ideias.

O trabalho com produção de textos deve se constituir em uma prática continuada, na qual se reproduz contexto cotidiano em que escrever tem sentido. Deve-se buscar a maior similaridade possível com as práticas de uso social, como escrever para não esquecer alguma informação, escrever para enviar uma mensagem a um destinatário ausente, escrever para que a mensagem atinja um grande número de pessoas, escrever para identificar um objeto ou uma produção etc.

5.3 - Prática três: escrever uma história

A terceira prática que observei foi a solicitação de um registro de uma história que conheciam ou que ouviram a professora contar, ou uma história que alguém da família contou, enfim alguma que havia chamado a atenção deles.

As crianças foram levantando ideias sobre qual poderiam fazer e várias surgiram, em sua maioria os Contos de Fadas. Alguns questionaram como que eles iriam escrever se ainda não sabiam todas as letras, outros pediram se poderiam desenhar também, e a professora esclareceu que escreveriam do seu jeito, e que ela estaria ali para ajudá-los no que fosse preciso.

Pensando sobre a idéia de buscar na lembrança sobre as histórias que já ouviram, e ter que escrever, comenta Teberosky (2003), “A memorização e relato de histórias faz parte das atividades da linguagem escrita, dentro de um projeto de renovação pedagógica ao qual nos referimos com frequência”, que é importante que aconteça esse processo de ouvir, memorizar e posteriormente tentar produzir na forma de escrita.

Nessa prática pude perceber que muitas crianças utilizaram as letras do seu nome para escrever a história, que é uma prática muito comum nessa fase, pois muitos se baseiam nas letras, que podem ser as únicas que sabe escrever ou que conhecem, que compõe o seu nome. Comentando sobre a proposta do nome próprio, Ferreiro e Teberosky (2006, p.221) ressaltam que “O nome próprio como modelo de escrita, como primeira forma escrita dotada de estabilidade, como o protótipo de toda escrita posterior [...]”.

Algumas poucas crianças somente desenharam, não colocando nenhum tipo de escrita, somente o seu nome, e se justificaram dizendo que essa era a sua história e que não saberiam fazer de outra forma.

Outras crianças solicitaram a professora com escreviam algumas palavras que necessitavam, e prontamente a professora lhes atendia soletrando as letras para formar a palavra, sempre indicando relações com essas letras, como por exemplo, é uma letra que tem no teu nome, é a letra que começa a palavra tal, e algumas vezes eram as próprias crianças que se referiam a palavras que iniciavam com aquela letra.

Ficou claro que por diversas vezes as crianças levantaram hipóteses de como seria a escrita da palavra, pensando nas letras do seu nome, nas palavras que já ouviram que inicia com a letra que necessitam, enfim eles estabelecem relações na busca do que precisam para formar palavras.

É claro que o desenho ainda se faz muito presente, e em uma escrita de história não pode deixar de ter ilustrações, mas a grande maioria realizou a atividade com bastante prazer, sem grandes angústias em relação a que letra colocar ou não.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que não existe um momento ou uma idade predeterminada para ter início o trabalho pedagógico com a linguagem escrita. As crianças nascidas num mundo letrado como o nosso são, de alguma forma, provocadas a interagir com ele. Entretanto, como já foi dito, dependendo do contexto, esses desafios podem ocorrer de maneira muito diferenciada, em momentos diferentes de seu desenvolvimento e em locais distintos (em casa ou na instituição).

Quanto à distribuição do tempo durante as quatro ou oito horas diárias em que permanece na instituição ou à sua utilização no ano letivo, é importante que pensemos que o trabalho em torno da linguagem escrita não deve ser o aspecto mais privilegiado nas propostas pedagógicas dessa primeira etapa da Educação Básica. Nessa fase, têm prioridade os trabalhos voltados para a construção da autonomia da criança, na perspectiva do autocuidado; para a vivência dos movimentos no espaço, estruturando sua corporeidade; para a exploração do mundo físico e social, compreendendo e ampliando a cultura na qual está imersa; para o desenvolvimento do brincar, das linguagens oral, corporal, visual, musical, que, juntamente com a linguagem escrita, e de modo interdependente, contribuem para a estruturação do pensamento e possibilitam a relação da criança com a cultura. Portanto, as ações pedagógicas relacionadas à linguagem escrita deveriam ser consideradas como mais uma das múltiplas dimensões a serem levadas em conta na organização das rotinas diárias e dos planejamentos mensais e anuais das instituições de Educação Infantil.

Essa foi uma das constatações que observei durante o período em que estive na turma, eles possuem o espaço para realizar atividades escritas, bem como espaço para atividades de brincar, de jogar, atividades motoras.

Gostaria de deixar claro que a intenção não é que as crianças passem agora a ter diversas atividades voltadas para a escrita e que se excluam todas

as outras habilidades que devemos desenvolver nessa fase tão importante que é a Educação Infantil, mas que se aproveite os momentos de escrita conforme o despertar da curiosidade das crianças em relação ao que veem escrito nas histórias, de como seu nome é escrito, de que letras formam alguma palavra que lhes é pertinente.

Segundo Rego (1995, p.38) "*As crianças descobrem sobre a língua escrita antes de aprender a ler*". A autora faz esta afirmativa a partir de seus estudos, nos quais busca estabelecer uma comparação entre o processo da aquisição da linguagem oral e o da escrita. Desse modo, assim como se evidenciou que as crianças adquirem a linguagem oral quando envolvidas em contextos comunicativos em que essa linguagem é significativa para elas, da mesma forma pode-se constatar que, se uma criança vive numa cultura letrada, na qual ela pode presenciar ou vivenciar situações significativas de uso da leitura ou escrita, inicia-se aí o processo de aprendizagem dessa linguagem.

No texto cooperativo que realizaram foi possível perceber que o que é vivenciado pelas crianças é mais significativo, e muito mais significado tem quando perceberam que as palavras que estavam falando foram transformadas em escritas, talvez se fosse uma escrita sobre o que a professora tivesse selecionado, um assunto qualquer, não seria tão significativo e quem sabe não teriam se dado conta de que a oralidade se transforma em escrita.

A sala de aula desta turma era muito diversificada quanto aos materiais disponíveis e o que estava também visualmente a mostra para que estivessem imersos neste mundo letrado.

Desse modo, se nas interações com os sujeitos da cultura, ela participa de situações onde se torna necessário, por exemplo, consultar placas de sinalização ou um catálogo para achar um endereço, ou ler um jornal para se informar sobre os acontecimentos diários, ou ler uma bula para se orientar sobre o uso de medicamentos, ou ler uma receita para fazer um bolo, ou anotar um recado ou fazer uma lista para não se esquecer de algo, ou escrever uma carta para se comunicar com alguém que está distante.

Ela está tendo contato com diversos tipos de textos, necessários a alguma forma de interlocução através da escrita, apropriando-se progressivamente dos seus usos e funções e de suas estruturas próprias.

Quando a criança, a partir dos conflitos vivenciados nas suas tentativas de compreender esse sistema, se dá conta da existência de uma relação entre a escrita e os aspectos sonoros da fala cria a hipótese de que a cada som emitido na fala corresponde uma letra, neste aspecto as crianças demonstraram estar estabelecendo estas relações durante as atividades desenvolvidas, o que faz compreender que é importante estar atento para poder auxiliar as crianças para que avancem nas descobertas e possam passar de um nível a outro.

Assim, a partir do contato com diversas situações de escrita, mediadas por outros sujeitos letrados, a criança continua esse processo de construção de nosso sistema de representação, criando hipóteses.

Evidencia-se, portanto, que a linguagem escrita é um objeto complexo e dinâmico de aprendizagem, que envolve a apropriação/reconstrução de vários aspectos: funcionais, textuais, gráficos e aqueles relativos ao sistema alfabético de representação.

Entretanto, se a aprendizagem dessa linguagem pressupõe interações de tal ordem, temos que nos perguntar: em que medida o mundo letrado faz parte do repertório de saberes, valores e práticas do grupo social a que as crianças pertencem?

A partir deste trabalho foi possível pensar que a escrita pode ser proporcionada às crianças, desde que se respeite como se fará esse processo, não de forma rígida, com diversas atividades, mas conforme a curiosidade que vai despertando neles, pois a todo o momento as palavras estão visualmente à disposição deles, e de alguma forma irão surgir às dúvidas e partindo disso pode-se realizar propostas de trabalho de interesse delas.

7. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E.D.A. Estudo de Caso: seu potencial na educação. Cadernos de Pesquisa (49): 51-54, maio. 1984.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LANDSMANN, Liliana Tolchinsky. Aprendizagem da Linguagem Escrita: processos evolutivos e implicações didáticas. São Paulo: Editora Ática, 1998.

REGO, L.B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. Caderno do Professor. Secretaria do Estado de Minas Gerais. 2003

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. Pátio revista pedagógica, Porto Alegre, v. 8, n.29, p. 19-22, fev/abr. 2008.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento têm o mesmo significado? Pátio revista pedagógica, Porto Alegre, v. 9, n. 34, p. 50-52, maio/jul. 2005.

TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

VIGOTSKI, L. S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

8. ANEXO A – Observações

No primeiro dia da observação, presenciei a atividade do bingo do nome. A sala estava disposta com mesas ao redor do tapete, e as crianças estavam sentadas nas cadeiras. A professora distribuiu para cada aluno uma ficha com repartições e solicitou que cada um escrevesse o seu nome com a condição de que cada letra ficasse em um dos espaços.

Após solicitou que fizessem bolinhas com um pedaço de papel colorido, a quantidade necessária para as letras que compõe o nome, e que a medida que fossem mostradas as letras, deveriam colocar uma bolinha na letra correspondente.

Dadas as instruções a professora iniciou a mostra das letras. A cada letra mostrada, ela questionava qual era o nome, e uma palavra que iniciava com a mesma. A maioria das crianças logo sabia que letra era e dizia logo uma palavra. Alguns usavam a palavra dita para fazer associações com outras, mas que não iniciavam com a letra solicitada.

Aos poucos as fichas foram sendo preenchidas pelas bolinhas de papel, e as crianças mencionando que haviam acabado ou que faltavam algumas letras. Quando todos finalizaram logo pediram para repetir o jogo, pois, haviam gostado muito dele.

No segundo dia da observação, estavam iniciando um texto cooperativo sobre o tema do lixo, pois seria a finalização do projeto sobre este tema. A professora iniciou a conversa lembrando o que haviam aprendido neste projeto. Após mencionou que montariam um texto sobre o que aprenderam, e que ela faria a escrita no quadro.

As crianças foram levantando ideias e foi surgindo a escrita do texto, todos pareciam estar participando, cada um queria dar o seu depoimento, e algumas vezes foi preciso parar um pouco e restabelecer uma ordem.

De pouco em pouco conseguiram se organizar e criar um texto. Muitos foram os olhares atentos para verificar como acontecia a escrita, despertando a curiosidade.

Depois de pronto, a professora passou a escrita para um papel pardo e as crianças desenharam caracterizando o que haviam produzido.

No terceiro dia, as crianças realizaram a atividade de escrever uma história que lembrassem ou que gostavam, e que posteriormente poderiam desenhar a história. Algumas ideias foram levantadas, e surgiu as histórias dos Contos de Fadas.

Algumas crianças questionaram sobre a escrita, pois, não sabiam todas as letras e como então escreveriam, a professora prontamente lhes disse para se acalmarem e que o fizessem do seu jeito, qualquer dúvida ela os ajudaria.

Muitos tentaram imitar a maneira como as histórias habitualmente são colocadas, dobrando a folha ao meio para parecer um livro, uma escrita na parte que seria a frente do livro, e dentro algumas escritas na parte superior da folha, com desenhos para ilustrar. Mas sem esquecer de quem escreveu essa história, todos escreveram seus nomes.

Percebi que algumas crianças procuraram, a história que estavam escrevendo, na prateleira que tem a sua disposição, o livro ao qual estavam se referindo para fazer a cópia do nome dela. A professora deixou que isso fosse feito. Outros pediram ajuda para a professora pedindo com que letra se escrevia tal palavra.

Durante as interações na mesa as crianças perguntavam umas as outras, se era com essa ou com aquela letra que escrevia, e aos poucos conseguiam construir uma escrita, que muitas vezes não era aquela convencional.

Poucos foram os que ficaram somente no desenho, mesmo assim arriscaram alguns rabiscos.

ANEXO B – Entrevista professora

E - Qual a sua formação?

S – Minha formação é Magistério e superior em Pedagogia.

E- Há quanto tempo atua como professora?

S- Atuo como professora há onze anos.

E- Há quanto tempo trabalha com a Educação Infantil?

S- Com a educação infantil desde que comecei atuar. Apenas estive fora, só com séries iniciais, durante quatro anos.

E- Qual o espaço que a escrita ocupa na Educação Infantil?

S – Penso que a escrita começa a tomar espaço na educação infantil a partir do momento em que as crianças despertam o seu olhar para as letras, a curiosidade de saber que letrinha é a do seu nome, questionam como se escreve tal palavra, etc.

E- Você realiza com seus alunos atividades em que é necessário o uso da escrita? Por quê?

S- Sim, realizo algumas atividades principalmente relacionadas ao nome da criança, dos colegas. E também o reconhecimento das letras do alfabeto. Primeiro porque eles têm essa curiosidade e segundo porque acho importante eles terem essas noções.

E- Qual a importância das propostas que desenvolve em relação à escrita?

S- A importância das propostas que desenvolvo em relação à escrita é que, penso eu, estou levando os meus alunos a aguçarem sua curiosidade em relação ao conhecimento do mundo das letras e da escrita.

ANEXO C – Entrevista crianças após a atividade da escrita de uma história

E- O que você estava fazendo antes de estarmos conversando? O que você achou?

A- Fiz uma história. Uma parte de uma história, quis fazer da Rapunzel, mas é uma história muito triste, então resolvi fazer a história da Cinderela. Copiei o nome da história do livro. É assim que a gente aprende, copiando.

E- Você gostou de fazer isso?

A- Sim, gostei.

E- Achou fácil ou difícil de fazer?

A- Achei bem fácil, é só olhar e copiar.

E- Você acha que foi importante fazer isso? Por quê?

A- Achei importante pois gostei de fazer a história, faz a cabeça da gente melhorar.

E- Gostaria de realizar novamente?

A- Sim.

E- Quais atividades você mais gosta de fazer na escola?

A- Gosto de brincar, desenhar e jogar joguinho e fazer as atividade da escola.

E- Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?

A- Sim, não sei de todos, só alguns, sei também do meu pai e da minha mãe. (soletra todas as letras, na ordem).

E- O que mais tu sabes escrever?

A- Sei escrever BIA (mãe), PIPE (pai), Júlia.

E- O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?

A- É importante fazer para os outros saberem o que eu escrevi.

En-O que você estava fazendo antes de estarmos conversando? O que você achou?

E- Estava fazendo o trabalho da Cinderela, achei legal de fazer.

En-Você gostou de fazer isso?

E- Gostei de fazer.

En- Achou fácil ou difícil de fazer?

E- Fácil de fazer porque estou aprendendo cada vez mais a escrever.

En- Você acha que foi importante fazer isso? Por quê?

E- Sim pois tudo eu vou saber fazer.

En- Gostaria de realizar novamente?

E- Sim.

En- Quais atividades você mais gosta de fazer na escola?

E- Desenhar, brincar.

En- Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?

E- Sim, aprendi a escrever alguns, outros preciso pegar a ficha deles. (soletrou todas as letras na ordem)

En- O que mais tu sabes escrever?

E- As histórias, os nomes de animais, desenhar coração.

En- O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?

E- É bom, é importante porque cada vez mais eu vou crescendo e vou ouvindo histórias que a minha mãe conta, das profes e vou aprendendo a ler, lendo do meu jeito.
Vou poder ler histórias, o que está escrito no caderno e a ler matemática.

Entrevista da atividade bingo do nome

E- O que você estava fazendo antes de estarmos conversando? O que você achou?

J- Eu tava fazendo um bingo com meu nome, tava legal.

E- Você gostou de fazer isso?

J- Eu gostei bastante.

E- Achou fácil ou difícil de fazer?

J- achei fácil, pois já sei fazer tudo.

E- Você acha que foi importante fazer isso? Por quê?

J- Foi importante porque eu gostei de fazer.

E- Gostaria de realizar novamente?

J- Sim, é bom, é divertido.

E- Quais atividades você mais gosta de fazer na escola?

J- Jogar joguinho, brincar e correr.

E- Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?

J- Sim. O nome dos colegas ainda não. (soletrou todas e na ordem).

E- O que mais tu sabes escrever?

J- Sei os nomes de uns amigos, como o Leandro, a Évelin, sei escrever letras e gosto de desenhar.

E- O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?

J- É importante porque eu gosto. Quando eu souber ler e escrever todas as letras aí eu vou ler tudo.

E- O que você estava fazendo antes de estarmos conversando? O que você achou?

L- achei bem bom de fazer, porque assim a gente sabe todas as letras que tem no nome.

E- Você gostou de fazer isso?

L- Sim.

E- Achou fácil ou difícil de fazer?

L- achei fácil.

E- Você acha que foi importante fazer isso? Por quê?

L- Achei importante porque gosto de escrever meu nome e assim as pessoas sabem quem foi que fez.

E- Gostaria de realizar novamente?

L- Sim.

E- Quais atividades você mais gosta de fazer na escola?

L- Fazer trabalhos, a gente faz desenhos, faz coisas de Páscoa, e fazemos histórias.

E- Sabe escrever teu nome? E os dos colegas? Quais as letras do teu nome?

L- Sei escrever o meu, só dos colegas alguns eu sei. (soletrou todas as letras e na ordem).

E- O que mais tu sabes escrever?

L- acho que só sei escrever o meu nome, assim direitinho, o resto eu preciso de ajuda pois ainda não sei tudo.

E- O que você acha sobre aprender a ler e escrever? É importante? Para quê?

L- acho que é bom e legal. Sim é importante pra saber fazer os outros nomes e estudar em outra escola quando eu for grande.